



A literatura e o sagrado: inter-relações possíveis

Literature and the sacred: possible interrelations

Laudiana Andriola de Aquino¹

Rita Cristiana Barbosa²

Resumo: Este artigo investiga as inter-relações entre literatura e sagrado, a partir da compreensão de que ambos operam como formas simbólicas de construção de sentido. Parte-se da premissa de que a religião, enquanto objeto das Ciências da Religião, se estrutura fundamentalmente por meio da linguagem, o que torna possível aproximar-a da experiência estética e interpretativa da literatura. O objetivo principal do estudo é analisar de que maneira a literatura pode contribuir para a compreensão do sagrado, especialmente considerando o ser humano como sujeito de linguagem, isto é, como agente produtor e intérprete dos textos que busca compreender o divino. Para isso, foi adotada uma metodologia de revisão bibliográfica, de caráter exploratório, com base em obras teóricas e artigos acadêmicos selecionados em bases como SciELO, Google Acadêmico e revistas científicas em língua portuguesa, priorizando textos publicados nas últimas duas décadas. Os resultados apontam que a literatura moderna se constitui como espaço privilegiado para a reformulação simbólica do sagrado, na medida em que reconfigura os limites entre o profano e o religioso. Ao interpretar, ressignificar e narrar a experiência humana do transcendente, a literatura amplia os horizontes hermenêuticos da teologia e contribui para um entendimento mais plural e dinâmico da linguagem religiosa na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura e religião. Linguagem literária. Mundo sagrado. Interpretação de textos religiosos.

Abstract: This article investigates the interrelations between literature and the sacred, based on the understanding that both function as symbolic forms of meaning-making. The study departs from the premise that religion, as an object of Religious Studies, is fundamentally structured through language, which makes it possible to draw parallels with the aesthetic and interpretive experience of literature. The main objective is to analyze how literature can contribute to the understanding of the sacred, particularly by

¹ Mestranda em Ciências das Religiões pelo PPGCR-UFPB, linha de pesquisa: Literatura e Sagrado. Bacharela em Direito (UFCG/2008), Especialista em Direito Trabalhista e Processo do Trabalho (UNP/2020). Licenciada em Letras (UFPB /1997), Especialista em Língua Portuguesa - Leitura e Produção de Textos: uma proposta metodológica (UFPB/1998). Possui experiência em Docência no Ensino Médio e Ensino Superior com ênfase na área de Letras, Língua Portuguesa, Leitura e Produção de Textos, Literatura, Metodologia da Pesquisa e Ciências Jurídicas. Atualmente é integrante do grupo de pesquisa Tecla - com estudos sobre Educação, Religiões, Mulheres e Tecnologias Digitais (UFPB). Membro do Nipam - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Gênero (UFPB).

² Graduada em Pedagogia (UFPB/1999), Especialista em Tecnologia Educacional em Ciências Naturais (UFPB/2001), Mestra em Educação (PPGE/UFPB/2008) e Doutora em Educação (PPGE/UFPB/2015), com estágio doutoral na Universidade de Barcelona (UB/ES). Professora do Departamento de Ciências das Religiões, da UFPB, atuando nas áreas de Estágio Supervisionado em Ensino Religioso, pesquisa educacional, currículo, metodologias e tecnologias digitais e estudos de gênero, articulando ensino, pesquisa e extensão. Possui experiência em gestão como Coordenadora do curso de Pedagogia (CCHSA/UFPB), Chefe e Vice-chefe do Departamento de Educação (CCHSA/UFPB), chefe do Departamento de Ciências das Religiões (CE/UFPB), coordenadora do curso de Ciências das Religiões, e coordenadora e vice-coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Líder do Grupo de Pesquisas TECLA. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7138585429997076> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0708-2216>

considering the human being as a subject of language — that is, as an agent who produces and interprets texts in the search for meaning in the divine. The methodology consists of an exploratory bibliographic review, based on theoretical works and academic articles selected from databases such as SciELO, Google Scholar, and Portuguese-language scientific journals, prioritizing publications from the past two decades. The findings indicate that modern literature has become a privileged space for the symbolic reformulation of the sacred, as it reconfigures the boundaries between the profane and the religious. By interpreting, re-signifying, and narrating the human experience of transcendence, literature broadens theological hermeneutics and contributes to a more plural and dynamic understanding of religious language in contemporary contexts.

Keywords: Literature and religion. Literary language. Sacred world. Interpretation of religious texts.

Introdução

A relação entre literatura e religião se revela como um campo fértil de investigação no interior das Ciências da Religião, especialmente quando mediada pela linguagem como elemento fundante da experiência do sagrado. Neste estudo, propomos analisar como a linguagem literária pode atuar como espaço simbólico privilegiado para a manifestação do sagrado, tensionando os limites entre o religioso e o profano. A partir dessa proposta, a pergunta que norteia a investigação é: *de que forma a linguagem literária configura-se como meio de expressão e recriação do sagrado nas experiências humanas contemporâneas?*

No bojo dessa discussão, René Girard (2008) se apresenta como um autor indispensável para compreender os mecanismos simbólicos que estruturam as narrativas religiosas e literárias, ao destacar a função mimética e sacrificial como fundantes do discurso religioso. Sua teoria do desejo mimético revela que a violência é controlada por meio de um bode expiatório, figura recorrente tanto na mitologia quanto na literatura, permitindo a reintegração da ordem social. Já Rubem Alves (1984), em *O Enigma da Religião*, nos convida a pensar o sagrado não como sistema, mas como poética, como invocação de ausências e encantamento. Sua reflexão aproxima-se de uma concepção estética e existencial da religiosidade, onde o riso, o corpo e o desejo dialogam com a linguagem sagrada como experiência sensível, e não apenas racional.

Dessa forma, ao analisar as produções literárias como espaços onde o sagrado pode ser recriado ou tensionado, este estudo insere-se na subárea de Ciências da Linguagem Religiosa (Área 44 da CAPES), explorando as interfaces entre linguagem religiosa, linguagem artístico-literária e linguagem ideológica. Essa interseção pressupõe

que a religião, longe de ser uma estrutura estática, é constituída por narrativas e signos que se organizam por meio da linguagem, tal como defendem autores como Bakhtin (2014) e Frye (2017), que também serão mobilizados ao longo do texto.

A metodologia adotada foi a revisão bibliográfica de caráter exploratório, com ênfase na análise de textos teóricos que discutem o sagrado, a linguagem e a literatura. A pesquisa contempla contribuições de Durkheim (2003), Otto (2005), Eliade (2001), Kristeva (2017), Auerbach (2011; 2012), Todorov (2017), entre outros, mas busca, sobretudo, costurar esses referenciais com coerência argumentativa, a partir de uma chave interpretativa que reconhece o sujeito como produtor de sentidos e mediador do sagrado por meio da palavra.

Com isso, objetiva-se contribuir para uma compreensão mais ampla do papel da linguagem literária na construção simbólica do sagrado, propondo um olhar que une estética, antropologia e crítica literária, em diálogo com uma abordagem decolonial e inclusiva da experiência religiosa.

1. Estudo da linguagem e o sagrado no contexto literário

1.1 Fundamentos teóricos do sagrado e da linguagem religiosa

A compreensão do sagrado no campo das Ciências da Religião parte de um esforço conceitual para distinguir o que é experiência religiosa diante da cultura e da linguagem. Segundo Durkheim (2003), o sagrado representa aquilo que é separado e protegido, contraposto ao mundo cotidiano do profano. Essa oposição funda o universo simbólico das religiões e organiza a vida coletiva. Otto (2005), por sua vez, descreve o sagrado como uma experiência do *numinoso*, isto é, uma realidade que suscita simultaneamente fascínio e temor, um “mistério tremendo e fascinante” que escapa às categorias racionais e é captado pela linguagem mítica, simbólica e ritual.

Essa dimensão simbólica é central também em Eliade (2001), que destaca o sagrado como categoria de experiência e não apenas de crença. Para a Eliade (2001), o sagrado manifesta-se por hierofanias que ordenam o mundo humano, possibilitando a construção de cosmogonias e a estruturação da realidade por meio de narrativas. A linguagem, nesse contexto, não apenas expressa o sagrado: ela **cria** o sagrado como possibilidade de sentido. Essa ideia será retomada por Paul Ricoeur (2005), ao afirmar

que o símbolo “dá que pensar”, ou seja, a linguagem simbólica religiosa ultrapassa o mero nível descritivo e opera como estrutura ontológica de compreensão da realidade.

A partir dessas concepções, reconhece-se que a linguagem religiosa, repleta de metáforas, mitos e símbolos, é a chave hermenêutica por meio da qual o sujeito se aproxima da experiência do sagrado. Essa perspectiva encontra ressonância em Alves (1984), para quem a religião é antes de tudo uma linguagem poética, que nasce da necessidade humana de significar o mundo em meio ao caos. O sagrado, nesse sentido, não é algo que se “explica”, mas algo que se experimenta, se sonha e se narra.

1.2 Literatura e religião: encontros e distanciamentos contemporâneos

Ao longo da história, literatura e religião mantiveram relações estreitas e ambíguas. A literatura, como espaço da linguagem estética, frequentemente assumiu a função de mediação simbólica do sagrado. Como aponta Northrop Frye (1990), a Bíblia ocidental não é apenas um texto religioso, mas também um arquétipo literário estruturante, cuja influência moldou formas narrativas, figuras retóricas e sistemas simbólicos da literatura ocidental. De maneira semelhante, Auerbach (2011) observa que o estilo bíblico é central para o surgimento do realismo moderno, pois desloca o foco da nobreza para o cotidiano, e da idealização para a vivência humana — aproximando a linguagem religiosa do drama humano.

Contudo, os tempos modernos testemunharam também o distanciamento entre literatura e religião. Magalhães (2018) chama atenção para a progressiva secularização da literatura contemporânea, que, embora recorra a temas religiosos, o faz muitas vezes de forma crítica, irônica ou subversiva. A linguagem religiosa, nesse contexto, é ressignificada e fragmentada pela estética da modernidade, o que implica novas possibilidades hermenêuticas.

É nesse ponto que René Girard (2008) oferece uma leitura fundamental: para ele, tanto as narrativas religiosas quanto as literárias originam-se de estruturas de mediação mimética. A literatura moderna, ao invés de ocultar a violência, como faziam os mitos, a revela, desmontando o mecanismo sacrificial. Com isso, a literatura torna-se espaço de crítica, denúncia e transformação, operando como uma nova forma de discurso sobre o sagrado, não mais institucionalizado, mas imanente à experiência humana.

1.3 Linguagem, ideologia e discurso religioso

O estudo da linguagem religiosa não pode ser dissociado de suas dimensões ideológicas e discursivas. A linguagem, enquanto prática social, carrega em si estruturas de poder, inclusão e exclusão. É o que aponta Mikhail Bakhtin (2011), ao tratar do discurso religioso como um dos gêneros discursivos estáveis, cujas formas e conteúdos estão ancorados em contextos socioculturais específicos. Para ele, todo enunciado religioso é situado historicamente e deve ser interpretado em sua dialogicidade com outras vozes sociais.

De maneira complementar, Tzvetan Todorov (1999) argumenta que os textos religiosos e literários compartilham a capacidade de construir universos de sentido que interpelam o sujeito. A ideologia, nesse sentido, não está apenas no conteúdo, mas na forma como o texto se estrutura e se dirige ao leitor, moldando sua percepção da realidade.

Nesse cenário, a literatura revela-se como espaço onde o discurso religioso pode ser desconstruído, problematizado ou reencantado. A linguagem literária, com seu potencial metafórico e simbólico, permite a criação de novas imagens do sagrado, que desafiam tanto o dogmatismo institucional quanto o niilismo contemporâneo. Como sintetiza Rubem Alves (1984), o riso, o corpo e a beleza são expressões do sagrado que escapam às estruturas canônicas do discurso teológico e encontram na arte um novo lugar de habitação.

Magalhães (2018) acrescenta que, no século XXI, a literatura passou a se afastar radicalmente da religião, buscando muitas vezes uma autonomia estética desvinculada de temas teológicos tradicionais. Esse afastamento, no entanto, abre espaço para novas formas de aproximação simbólica, em que a literatura pode reencontrar o sagrado não mais como doutrina, mas como experiência estética, ética e crítica da existência.

Complementando essa perspectiva, Cândido (2014) afirma que a literatura possui uma função estrutural na constituição das subjetividades e da vida coletiva, atuando inclusive sobre o inconsciente social. Assim como a religião fornece esquemas simbólicos para significar a existência, a literatura oferece narrativas, imagens e metáforas que moldam a experiência humana em suas dimensões mais profundas. Ambas, portanto, compartilham a capacidade de fundar sentidos e afetos por meio da linguagem simbólica.

Com base nas reflexões acima, apresenta-se o Quadro 1 como uma tentativa de sistematizar os principais pontos de contato e tensão entre a linguagem literária e a

linguagem religiosa, considerando suas funções simbólicas, estéticas e ideológicas.

Quadro 1. Literatura e o campo das linguagens da religião

Literatura	Linguagem das religiões
1 Técnica de compor e expor textos escritos em prosa ou em verso	1 Estudo de textos e símbolos
2 Representa a comunicação	2 Sistema doutrinário a partir de sua linguagem e comunicação
3 É a arte das palavras, autonomia para fazer uso de palavras (trata de um método)	3 Autonomia e peculiaridade em abordar seu objeto, a religião (não trata de um método)
4 Manifestações artísticas do ser humano	4 Estudo dos múltiplos universos simbólicos e morais das religiões

Fonte: Adaptado de Golin (2016)

A partir da comparação apresentada no Quadro 1, observa-se que tanto a literatura quanto a linguagem das religiões operam como sistemas simbólicos voltados à organização do sentido e da experiência. A literatura, definida como técnica de composição textual, permite a criação de universos imaginários por meio da articulação estética de palavras, ao passo que a linguagem religiosa, embora vinculada a doutrinas e tradições, também se estrutura por meio da palavra, do símbolo e da narrativa. Assim, o ponto de contato mais evidente entre esses dois campos está no fato de que ambos produzem significações que ultrapassam o plano meramente informativo, acessando dimensões afetivas, éticas e existenciais do ser humano.

2. Interpretação do mundo sagrado através da literatura

A consolidação do realismo moderno na literatura europeia pode ser compreendida, em parte, a partir da influência de elementos estilísticos presentes nos textos bíblicos. Auerbach (2012), ao analisar a Bíblia como obra literária, destaca a singularidade dessa tradição por romper com os padrões clássicos de decoro, ao mesclar registros linguísticos diversos e apresentar personagens com profundidade existencial e falibilidade moral. Essa mistura de estilos, que inclui desde a alternância entre linguagem elevada e cotidiana até a escolha de temas que atravessam diferentes estratos sociais e culturais, teria contribuído para o desenvolvimento de uma estética realista baseada na complexidade da experiência humana.

Dostoievski (2004, p. 263), por sua vez, ao refletir sobre o espírito moderno, sugere que o realismo contemporâneo se tornou, em certa medida, refratário ao

sobrenatural³. Ainda assim, o traço antropológico cristão presente na literatura bíblica, ao retratar os heróis com suas contradições e imperfeições, pode ser considerado uma das raízes da sensibilidade literária moderna, na medida em que desloca o foco da narrativa idealizada para o drama humano concreto.

Diante das contribuições teóricas já mencionadas, é possível afirmar que a mescla de estilos presente nos textos bíblicos influenciou significativamente o surgimento do realismo moderno, não apenas em termos formais, mas também na ampliação temática da literatura ocidental. A partir do século XIX, especialmente com autores como Dostoiévski, Tolstói e Victor Hugo, observa-se uma produção literária que, embora desvinculada institucionalmente da religião, continua a explorar questões fundamentais da existência humana, tais como o sofrimento, a culpa, o perdão, a liberdade e o sentido da vida, temáticas que, em sua origem, são frequentemente abordadas no campo religioso.

Trata-se, portanto, de uma literatura que se distancia do texto sagrado, mas não dos temas que mobilizam as preocupações últimas do ser humano. Nesse contexto, a literatura adquire uma dimensão escatológica, não no sentido teológico tradicional de “doutrina das últimas coisas”, mas como um “estudo das coisas de significado último”, conforme sugere Dusilek (1994, p. 87). Essa abordagem evidencia o potencial da linguagem literária para expressar, ainda que de modo não dogmático, experiências e anseios tipicamente religiosos.

Dessa maneira, refletir sobre a interpretação dos textos sagrados exige considerar que a relação entre religião e literatura não se dá apenas em nível temático, mas também em sua função social e ideológica. Eagleton (2013), ao analisar a história da literatura inglesa, observa que a expansão dos estudos literários no final do século XIX se deu, em grande parte, como resposta à perda de influência da religião institucional na formação moral e cultural da sociedade britânica. Com o enfraquecimento do discurso

³ O termo “refratário ao sobrenatural” pode ser compreendido à luz da análise de Kafka feita por Walter Benjamin. Segundo Benjamin, a obra de Kafka retrata um mundo moderno em que o indivíduo está desamparado diante de instituições impessoais e de uma realidade que se apresenta como opaca e inacessível. A experiência da modernidade, marcada pela ausência de doutrina, torna o mundo “refratário à experiência” e, consequentemente, à transcendência. A religiosidade tradicional, outrora portadora de sentido e orientação, dissolve-se nesse universo, dando lugar a uma multiplicidade de interpretações sem um eixo revelador claro. Isso se expressa, por exemplo, na impossibilidade de Joseph K, personagem de *O Processo*, acessar a Lei e compreender sua própria culpa, experiências que se desenrolam num universo esvaziado do sobrenatural como experiência imediata ou revelada (Ferrari, 2007, p. 157).

teológico como referencial dominante, a literatura passou a ocupar um espaço simbólico semelhante, funcionando como nova via de sensibilização ética, afetiva e estética dos indivíduos.

Nesse contexto, torna-se pertinente indagar sobre as fronteiras entre o texto sagrado e o texto literário: em que medida ambos compartilham estruturas simbólicas e apelos retóricos? E mais ainda, que tipo de evento epistêmico e afetivo caracteriza o contato com essas linguagens? Ao abordar essa questão, Eagleton (2013) argumenta que tanto a religião quanto a literatura exercem um papel ideológico fundamental, ao atingirem os corações humanos por meio dos afetos, linguagem simbólica e narrativas de sentido. Ambas produzem efeitos éticos e culturais profundos, constituindo-se, assim, em formas eficazes de coesão social, ainda que com fins e formatos distintos.

Essa sobreposição de funções e efeitos não apaga as diferenças entre religião e literatura, mas evidencia sua interdependência histórica e simbólica. Ao mesmo tempo que a literatura se afirma como prática estética autônoma, ela herda da religião a tarefa de lidar com o inefável, o sofrimento e a transcendência. Assim, ao invés de opor rigidamente texto literário e texto sagrado, pode-se pensar em uma zona de contato em que ambas as linguagens mobilizam os sentidos mais profundos da experiência humana e oferecem caminhos interpretativos para os dilemas éticos, existenciais e metafísicos da modernidade.

Eagleton (2013) observa que, na Inglaterra vitoriana, a religião, sobretudo em suas formas tradicionais, desempenhava um papel pacificador, promovendo valores como humildade, autossacrifício e vida interior contemplativa. No entanto, com o avanço da ciência, as transformações sociais e a crescente secularização do discurso público, a religião passou a perder sua eficácia simbólica e pedagógica. Esse esvaziamento gerou, segundo o autor, uma preocupação entre as elites da época, que passaram a ver na literatura um substituto possível para a função antes exercida pela religião. Eagleton não sugere que, a partir do século XIX, a literatura passou a ocupar de maneira mais sistemática um papel de formação moral e afetiva junto à população, especialmente entre as classes médias.

Nesse sentido, Todorov (2010, p. 76) reforça a potência ética e existencial da linguagem literária ao afirmar que “a literatura pode muito: ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros

seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver”. Essa afirmação destaca o poder da literatura de operar como mediação simbólica entre o sujeito e o mundo, oferecendo horizontes de sentido diante da complexidade da experiência humana. Longe de ser mero entretenimento ou forma estética autônoma, a literatura participa de um processo contínuo de formação interior, revelando-se como espaço privilegiado de contato com as emoções, com os dilemas éticos e com a alteridade.

Complementando esse ponto, Todorov (2010) argumenta que a realidade à qual a literatura se dedica é aquela do mundo vivido, da experiência concreta e cotidiana. Por isso, o saber que ela proporciona não se opõe ao conhecimento produzido por campos como a sociologia ou a psicologia, mas antes o complementa. Ao abordar a condição humana a partir da linguagem simbólica, a literatura torna-se uma forma legítima de conhecimento sensível, permitindo o reconhecimento de dimensões que frequentemente escapam às metodologias mais objetivas. Dessa forma, sua relevância se mantém tanto no campo das humanidades quanto nas discussões sobre o sagrado e a construção de sentidos no mundo contemporâneo.

A contribuição de Paz (2014) também é relevante, visto que o autor menciona a poesia nesse contexto, visto que diante de suas experiências mais secretas ou pessoais, esta finda se transformando em palavras sociais, históricas, revelando o homem. De modo que essa revelação é o significado último de todo poema e quase nunca é dita de maneira explícita, mas é o fundamento de todo dizer poético (Paz, 2012).

É preciso distinguir entre a longa tradição da prática literária (presente desde a Antiguidade em civilizações como a suméria, egípcia, grega, chinesa e indiana) e a concepção moderna de literatura enquanto arte autônoma, voltada à expressão subjetiva, estética e simbólica da experiência humana. Esta última, conforme reconhecem teóricos como Eagleton (2013) e Cândido (2004), emerge no contexto da modernidade europeia como uma forma específica de produção cultural, marcada por sua relativa independência em relação aos discursos religiosos e políticos. Nesse sentido, a literatura moderna pode ser entendida como um dispositivo simbólico por meio do qual o sujeito moderno busca compreender a si mesmo e o mundo ao seu redor.

Ainda que tenha se consolidado como campo artístico independente, a literatura manteve em sua estrutura interna marcas da religiosidade e das formas tradicionais de expressão do sagrado. A religião, portanto, não desaparece da literatura moderna, mas

permanece como elemento constitutivo de sua temática e de sua função simbólica. Como observa Todorov (2010), a literatura moderna continua a lidar com questões como culpa, perdão, sentido da existência, sofrimento e transcendência, revelando que, mesmo em contextos seculares, o imaginário religioso ainda informa os modos de narrar e interpretar a experiência humana. Dessa maneira, a relação entre literatura e religião permanece presente, mesmo quando deslocada do eixo teológico para o campo cultural.

A relação que aqui tomamos como objeto de reflexão, entre linguagem literária e linguagem religiosa, deve, portanto, ser compreendida à luz de seu enraizamento cultural e simbólico. A literatura, como manifestação artística e linguística, não apenas reflete valores culturais, mas também participa da construção do imaginário religioso coletivo. É nesse sentido que teóricos da literatura, como Auerbach (2012), Frye (2017) e Kristeva (2017), reconhecem a centralidade das estruturas simbólicas herdadas das narrativas religiosas na constituição da sensibilidade moderna. Assim, literatura e religião não se opõem, mas dialogam historicamente como formas de expressão e interpretação das experiências humanas mais profundas:

Há dois ou três séculos uma verdadeira revolução ocorreu na Europa: a referência ao mundo divino, encarnado pela religião, começou a dar lugar a valores puramente humanos. Ainda temos de lidar com um absoluto ou com um sagrado, mas ambos deixaram o céu desceram à Terra. Não se trata mais de dizer que, desde essa época, para os europeus, “a religião morreu” (Todorov, 2011, p. 11).

Ela não está morta na medida em que, forma principal, senão única, da aspiração ao absoluto durante séculos, ela deixou sua marca nesse próprio traço humano (...) Entre todas as tentativas de pensar e viver o absoluto de maneira individual para fora tanto das religiões tradicionais quanto das religiões secular e as políticas, gostaria de me ater a uma, a que interpreta essa experiência como a busca da beleza (Todorov, 2011, p. 13).

Diante da relevância das interações entre literatura e religião para a reflexão teológica contemporânea, é possível observar uma busca contínua por articulações entre esses campos. No entanto, apesar das inúmeras proposições e aproximações já empreendidas, essa relação ainda não se consolidou como um eixo estruturante dentro da agenda sistemática da teologia. Isso se deve, em parte, ao fato de que a teologia, enquanto disciplina, opera constantemente em meio a círculos hermenêuticos e conflitos de interpretação, nos quais os pressupostos da fé e os lugares epistemológicos dos sujeitos envolvidos desempenham papel central.

A introdução da literatura como objeto de reflexão teológica implica tensionar os fundamentos tradicionais da teologia, na medida em que desloca o foco da doutrina para a linguagem, da revelação para a narrativa, e da autoridade para a experiência simbólica. Trata-se, portanto, de um movimento que desafia os a priori da fé que normalmente orientam a leitura teológica dos textos sagrados, colocando em cena a pluralidade de interpretações, a historicidade dos signos e a potência criativa do discurso literário. Essa abordagem, longe de enfraquecer a teologia, pode alargá-la, permitindo que ela dialogue com outros modos de produção de sentido, como propõem autores como Tillich (1997), Vattimo (1999) e Magalhães (2018).

Ao reconhecer a literatura como fato cultural e simbólico relevante para a teologia, abre-se espaço para um exercício hermenêutico mais amplo, capaz de lidar com as tensões entre tradição e inovação, ortodoxia e imaginação. Esse caminho não substitui os fundamentos da fé, mas convida à escuta do outro e à releitura dos próprios pressupostos. Nesse sentido, a literatura não apenas ilustra conceitos teológicos, mas contribui para reformular perguntas e expandir horizontes de compreensão, tornando-se interlocutora legítima na busca contemporânea por significados últimos.

Enfim, diante da importância da literatura e sua relação com religião, aponta-se que o mundo sagrado não é, em certo sentido, senão o mundo natural subsistindo na medida em que não é inteiramente redutível à ordem instaurada pelo mundo do trabalho, isto é, à ordem profana (Bataille, 1987).

Bataille (1987) afirma que o mundo sagrado não se origina da natureza ou da utilidade prática, mas da criação de uma nova ordem de sentido, separada da esfera do trabalho e da atividade produtiva. Essa ordem simbólica, que escapa à lógica instrumental, encontra na linguagem um meio de expressão privilegiado, e é justamente aí que a literatura atua. Por meio da ficcionalização, da metáfora e da polissemia, a linguagem literária recria o sagrado como experiência de ruptura, encantamento e transcendência.

Autores como Vattimo (2014) e Magalhães (2009) ampliam esse debate ao propor que o cristianismo, enquanto religião do livro, deve ser compreendido como um acontecimento literário: um conjunto de textos, traduções e interpretações que moldaram não apenas a teologia, mas também a cultura ocidental. Magalhães (2009, p. 13) ressalta que “o cristianismo como literatura tem lugar no campo das interpretações e traduções”, e que essa produtividade textual constitui um dos pilares do imaginário ocidental. Em

diálogo com essa perspectiva, Vattimo (2014) propõe que o evento da revelação depende de uma interpretação contínua, marcada por incertezas e riscos, e que o acesso à verdade do texto sagrado exige a abertura ao outro e à historicidade dos signos.

Tillich (2015), por sua vez, entende a revelação como um processo de recepção que exige constante atualização. A linguagem, a existência e a história atuam conjuntamente na constituição da tradição e da cultura, o que desloca a teologia para uma relação dialética com a cultura e com os sistemas simbólicos que a sustentam. Nesse contexto, a literatura se insere não apenas como objeto de análise, mas como interlocutora hermenêutica, capaz de tensionar os fundamentos da fé e expandir as possibilidades interpretativas do sagrado.

A abordagem semiótica também contribui para esse campo de estudos, como mostra Higuet (2021), ao investigar a enunciação visual em obras de arte religiosa. O autor argumenta que as imagens sagradas devem ser lidas como textos, com modalidades próprias de enunciação (pessoal, temporal e espacial) que revelam sentidos vinculados à tradição religiosa. Essa perspectiva amplia o conceito de linguagem religiosa, integrando diferentes suportes expressivos, como o visual e o literário, na construção simbólica do sagrado.

Nesse sentido, Lopes e Nogueira (2021) defendem que a ficcionalização é um componente inevitável da linguagem humana em contextos marcados pela perda da ligação ontológica entre palavra e realidade. A distinção entre fato e ficção enfraquece, e a literatura emerge como modo legítimo de conhecer e representar o mundo. Lopes e Nogueira (2021) reforçam que filosofia, ciência e teologia operam também dentro de gêneros literários, e que a literatura, ao mobilizar metáforas, narrativas e símbolos, pode oferecer novas formas de mediação da experiência religiosa.

Leonel (2016) propõe o diálogo entre os campos da teologia e da teoria literária, apontando para metodologias e categorias comuns na análise de textos religiosos e literários. Essa convergência permite investigar temas, influências e intertextualidades que atravessam ambos os campos. A crítica contemporânea, contudo, ainda se divide entre abordagens como o método histórico-crítico e a hermenêutica fundamentalista. Enquanto o primeiro busca reconstruir o contexto de origem dos textos sagrados com base em evidências histórico-literárias (Reimer; Ferreira; Silva, 2020), o segundo mantém uma leitura literal e doutrinária, muitas vezes incompatível com a pluralidade de sentidos

proposta pela literatura (Zabatiero, 2010; Leonel, 2016).

A teoria literária, como observa Durão (2011) e Scott (2016), não apenas se propõe a interpretar textos, mas também se reconhece como prática histórica, sujeita a transformações culturais e epistemológicas. Sua abertura ao simbólico e ao múltiplo a torna especialmente fértil para o estudo do sagrado, pois permite lidar com a ambiguidade, o indizível e o transcendental, características centrais da experiência religiosa. Vattimo (2014, p. 80) questiona se a “civilização do livro” que vivemos não se encontra, em última instância, atrelada à “religião do livro”, sendo assim difícil separar a história da literatura da história da interpretação teológica.

Eliade (2001) acrescenta que a experiência do sagrado não requer, necessariamente, a crença em divindades, mas sim a vivência de um princípio de unicidade, de uma realidade outra que transcende a rotina profana. Essa concepção amplia o horizonte da análise ao permitir que experiências estéticas, como as proporcionadas pela literatura, sejam também compreendidas como vivências do sagrado.

Assim, comprehende-se que a literatura contemporânea, ao se debruçar sobre os temas fundamentais da existência (sofrimento, morte, liberdade, esperança, transcendência), permanece profundamente vinculada ao universo simbólico da religião, mesmo quando se apresenta como discurso secular. Ao transitar entre ficção e revelação, entre metáfora e doutrina, entre estética e ética, a literatura se afirma como espaço hermenêutico privilegiado para a reelaboração do sagrado em tempos marcados por rupturas e incertezas. Nesse cenário, o diálogo entre literatura e religião não apenas se justifica, mas se mostra indispensável para compreender as múltiplas linguagens que moldam a experiência humana do divino.

Considerações finais

Constata-se que a literatura tem se afirmado como um espaço privilegiado no campo das Ciências das Religiões, especialmente por sua capacidade de transgredir e reconfigurar os limites entre o sagrado e o profano. A estreita relação entre literatura e religião se revela não apenas por meio de temas compartilhados, mas também pela variação de sentidos atribuídos pelos sujeitos envolvidos na leitura e interpretação dos textos. Nesse contexto, a literatura moderna, entendida como produção simbólica autônoma, oferece ferramentas para repensar o sagrado à luz da experiência humana

concreta, subjetiva e histórica.

Embora seja relevante destacar os benefícios dos recursos metodológicos da crítica literária para o estudo de textos religiosos, optamos por abordar a questão a partir da estrutura própria da linguagem literária. Ao colocar o ser humano como centro da narrativa, a literatura não apenas descreve, mas interroga, eleva e desestabiliza suas certezas, funcionando como antropologia simbólica e existencial. Esse olhar literário permite compreender os textos sagrados, e também os seculares, como construções plurais de sentido, que exigem escuta sensível, abertura ao simbólico e reconhecimento das múltiplas formas de enunciação.

Dessa forma, conclui-se que a linguagem literária, por sua natureza plural e ambígua, constitui uma via legítima e fecunda para a interpretação do sagrado. Ao explorar os limites e possibilidades da linguagem, a literatura contribui para ampliar a compreensão dos textos religiosos, reafirmando a centralidade do sujeito na produção de sentido. A partir dessa perspectiva, o sagrado não se reduz a um objeto fixo ou a um sistema doutrinário fechado, mas se revela como experiência viva, em constante tradução, uma experiência que a literatura, em sua riqueza simbólica e estética, é capaz de evocar, tensionar e reinventar.

Referências bibliográficas

- ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Campinas: Papirus, 1984.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- AUERBACH, Erich. *Ensaio de literatura ocidental*. Editora 34, 2012.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Ed. HUCITEC, São Paulo, 2014.
- BARTHES, Roland. *El placer del texto y la lección inaugural*. Siglo XXI de España Editores, 2017.
- BATAILLE, Georges. *Teoria da religião*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2014.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo:

Editora 34, 2004.

DURÃO, Fabio Akcelrud. *Teoria (literária) americana: uma introdução crítica*. Autores Associados, 2017.

DURKHEIM, Emile. *What is a social fact? Crime: Critical Concepts in Sociology*, v. 2, p. 77, 2003.

DUSILEK, Sergio Ricardo Gonçalves. *Religião e Literatura: Uma leitura a partir de Erich Auerbach*. Teoliterária, v. 7, n. 14, p. 159-183, 2017.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: Ensaio Sobre o Simbolismo Mágico-religioso*. In: MUÑOZ, Carlos María Neila. *Antropología Simbólica y de la Religión*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 38 p. Disponível em: <https://mercaba.org/SANLUIS/Filosofia/autores/Contempor%C3%A1nea/Eliade/Imagenes%20y%20Simbolos.pdf>. Acesso em: 02 mai. 2025.

FERRARI, Sônia Campaner Miguel. *Kafka, Benjamin: o natural e o sobrenatural*. Trans/Form/Ação, v. 30, p. 151-165, 2007.

FRYE, Northrop. *A imaginação Educada*. Trad. Adriel Teixeira, Bruno Geraidine, Cristiano Gomes. Campinas: Vide Editorial, 2017.

GOLIN, Luana Martins. *Religião e linguagem, Bíblia e literatura*. Revista Caminhando, v. 21, n. 2, p. 225-243, 2016.

HIGUET, Etienne Alfred. *A enunciação na semiótica visual, especialmente na pintura religiosa*. Estudos de religião, v. 35, n. 2, p. 9-35, 2021.

KRISTEVA, Julia. New forms of revolt. In: HANSEN, Sarah K.; TUVEL, Rebecca (Org.). *New forms of revolt: Essays on Kristeva's Intimate Politics*. Albany: State University of New York, 2017. p. 17-21.

LEONEL, João. *Religião e linguagem literária: contribuições da literatura para a interpretação de textos religiosos*. Reflexão, v. 41, n. 1, p. 47-59, 2016.

LOPES, Marcio Cappelli Aló; NOGUEIRA, Paulo. *Entre espelhos fantásticos: ficcionalização, religião e literatura*. Estudos de Religião, v. 35, n. 2, p. 87-109, 2021.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no espelho das palavras*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

OTTO, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Tradução de Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Sinodal/ EST; Petrópolis:

Vozes, 2007.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

REIMER, Haroldo; FERREIRA, Joel Antônio; SILVA, Valmor da. *Religião e literatura sagrada: matrizes teóricas e trajetórias hermenêuticas*. Caminhos-Revista de Ciências da Religião, v. 18, p. 20-38, 2020.

RICOEUR, Paul. JÜNGEL, Eberhard. *Per un'ermeneutica del linguaggio religioso*. Brescia: Queriana, 2005.

SCOTT, Anthony Oliver. *Better living through criticism: how to think about art, pleasure, beauty and truth*. New York: Penguin, 2016.

TILLICH, Paul. *Teologia sistemática*. Editora Sinodal, 2015.

TODOROV, Tzvetan. *A beleza salvará o mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva, os aventureiros do absoluto*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3.ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Rumo a uma Filosofia da Religião em tom Pós-metafísico: Diálogos com Habermas e Rorty*. *HORIZONTE – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p. 12-32, jan./jun. 2010